

Pequeno Livreto de Histórias

FEIRA VIVA

Tecendo Culturas



Realização: Coletivo Feira Viva

Pesquisa: Bernardo Xavier Santiago, Bruna Helena Costa,
João Gabriel Valadão, Juliana Calazans, Mary Lopes, Tadzia
Maya

Textos: Bernardo Xavier Santiago e Tadzia Maya

Ilustração de capa: João Gabriel Valladão

IV Feira Viva Tecendo Culturas
30 de Setembro de 2017
Praça Amaral Peixoto, Silva Jardim - RJ

Quem tece a nossa cultura?

Em sua quarta edição a Feira Viva está homenageando as pessoas que tecem, entrelaçam, amarram, compõem e criam com seus produtos as culturas de Silva Jardim. Os cestos, balaios e esteiras que são vendidos hoje nas beiras das estradas ou em pequenas lojas como artefatos de decoração, são na verdade representantes de um tempo bem recente, onde ajudavam a compor a base de funcionamento de uma casa e de uma propriedade rural. Objetos de arte e cultura e de utilidade para famílias do campo, entremeados com seu dia a dia, seus afazeres, misturados em suas rotinas, trançados com sua força, sua beleza e criatividade e, sobretudo, tecidos com suas histórias de vida.

Fomos atrás destes homens e mulheres que com suas mãos fizeram - e que muitos ainda fazem - arte a partir da natureza e descobrimos uma Silva Jardim de muitas riquezas e saberes. Fizemos 21 entrevistas feitas em 12 localidades deste extenso município: Cidade Nova, Rial, Biquinha, Cambucaes, Lucilândia, Santa Maria (Correntezas), São Lourenço, Gaviões, Belfa, Bananeiras, Lameirão e Aldeia Velha.

Porém, ao mesmo tempo que encontramos tesouros, descobrimos também uma parte da cidade que é invisibilizada, de famílias esquecidas nos cantos, muitas vezes sem acesso à terra, à floresta, às águas, justiça social ou assistência técnica. São multados, perseguidos, empurrados para pequenos sítios, para quintais cada vez menores, para casinhas nos centros urbanos.

A ideia de que floresta e águas preservadas são florestas e águas sem homens e mulheres vem prejudicando o modo de vida destas populações, sua cultura e, conseqüentemente, toda a cultura de uma região. Estudos já mostraram que florestas geridas por povos nativos têm menos desmatamento. Em 2014 um estudo intitulado "Garantindo direitos, combatendo a mudança climática", percorreu 14 países para provar que o desmatamento nos territórios protegidos pelos povos nativos é menor do que nas áreas vizinhas e desocupadas. Eles descobriram que as florestas são mais vulneráveis onde as comunidades não têm direitos reconhecidos.

Ninguém tem mais interesse na saúde das florestas e das águas do que as comunidades que habitam suas

margens. E ninguém sabe cuidar melhor das florestas e das águas do que os próprios povos das florestas e das águas. As pressões do capitalismo sobre estas pessoas podem tornar o cenário mais complexo, mas ainda assim é preciso estabelecer processos educativos de diálogo de saberes ao invés das multas e da expulsão do campo. Essas famílias sabem, como ninguém, os efeitos perversos da degradação ambiental. Sentem na pele quando matas são queimadas e rios são dragados para a produção de pastos.

O que temos aqui nesta cartilha é só uma pequena amostra, ainda há muito mais gente nesta produção. Pretendemos dar só um primeiro passo na valorização desta arte. Acreditamos que valorizar esta cultura dos tecedores e tecedoras, tecelãs, artesãos, artesãs, vai muito além da compra de seus produtos. Comprar e contribuir para a geração de renda destas famílias é o primeiro passo num longo caminho de valorização deste patrimônio imaterial. É preciso também olhar para a permanência digna destas famílias no campo e na cidade, respeitando sua autonomia, a gestão de seus recursos, dialogando sobre técnicas de manejo sustentável, garantindo que seus filhos e filhas tenham boas escolas, bons postos de saúde, cidadania ativa e acesso à terra.

A cultura não é só enfeite, a cultura é viva, é tecida no dia a dia e precisa ser nutrida. E nesta trama, como você tece?

Aristóteles

(Aristóteles José Canema, 80 anos, Cidade Nova)

Começou a produzir vassouras de iri com cabos de imbiú, esteiras de taboa, cestos (cipó, bambu, taboa), quiçambas de

carregar milho e balaios de burro há cerca de 30 anos. Aprendeu com seus antigos sogro e sogra. Nasceu em Conceição de Macabu e veio para Silva Jardim aos 20 anos para trabalhar nas linhas de trem. Após o fim do trabalho, foi contratado por outras empresas e acabou ficando. Trabalhou fazendo fornos de carvão, guiando boi, dentre outros ofícios, até aprender o artesanato. Foi professor de cestaria no Projeto Escolas da Paz II há cerca de 15 anos atrás, no Colégio Estadual Sérvulo Melo. Tem dezenas de netos, bisnetos e tataranetos mas nenhum se interessou a aprender. Alguns filhos, todavia, ajudam colhendo o material e vendendo. Diz que hoje está difícil, os pobres estão sem dinheiro. Muitas vezes seu filho sai de bicicleta com 10 vassouras para vender e volta com 5 ou 6. Assim, acaba fazendo só pra “distrair as ideias”. Gosta do trabalho bem feito - envernizado - pra não dar cupim. Antes, até vendia o material sem tratar quando serviam de lixeiras de quintal nessas fazendas por aí. Mas agora não está fácil. Acha que a criançada deveria aprender. Seu desejo é ter um espaço para que pudesse ensinar pros mais novos, mas aulas não demoradas: seu corpo já não aguenta ficar sentado ou em pé por muito tempo.

Bau

(Paulo Alves, 61 anos, Santa Maria - Correntezas)

Nasceu e cresceu em Santa Maria, Correntezas, e é ali mesmo que ele gosta de morar. Faz cestos de bambu e cipó, esteiras e albardas de taboa e vassouras. Seus cestos são facilmente encontrados nas quitandas de boqueirão. Não gosta muito de fazer esteira, prefere a albarda que é menor e não precisa

fazer o trançado. Aprendeu quando criança com seu pai, que era de Maratuã. Assim como o pai, sempre foi trabalhador rural: faz empreitada, planta, roça “inhame, aipim, tudo”. Queria fazer plantação mas não pode por causa dos fazendeiros que se dizem donos da Fazenda Santa Maria, mas que sequer possuem os documentos do terreno. Os fazendeiros não plantam nada e acabaram com tudo: desmataram, acabaram com a floresta e o solo ficou ainda mais infértil, com meia dúzia de bois. Recentemente, passaram mais uma vez a máquina de dragar o rio e ele secou. Assim, fica muito difícil colher taboa e cipó, mas onde tem ele vai. Fica longe mas ele entra na mata mesmo, não tem jeito. A fazenda é grande e vai até a BR: as terras boas pra plantar são lá perto do outro rio, o São João. Seu terreno é muito pequeno pra plantar, queria plantar na terra, mas os que se dizem donos não deixam. Por isso ele está lutando junto com os companheiros do acampamento Fidel Castro pela Reforma Agrária. “Não podemos desistir, a batalha existe”.

Seu Emi

(Emi Egger, 73 anos, Aldeia Velha).

Nasceu no Tenah, em Casimiro de Abreu, e foi pra Aldeia Velha com 22 anos de idade, seguindo os pais, que vieram para tentar uma vida menos difícil do que a vida na lavoura de lá, complicada porque não tinha estrada de carro, só estrada de burro. Já morou em Barra Mansa, em Resende, em Itatiaia e

em Bananal de São Paulo, muitas vezes embaixo de lona de acampamento, se mudando todo o tempo, trabalhando pra empresas de linhas de transmissão. Aprendeu a fazer esteira com os pais e não lembra se já ensinou alguém pois “lá na serra todo mundo sabia fazer isso”. Fazia esteira de taboa usando embira de embaúba ou de embira branca do mato. A taboa era colhida nos brejos, então na serra era mais difícil, mas aqui em Aldeia é fácil. Sempre fez esteira só para o uso mesmo e perguntado, sobre se tem vontade de ensinar, diz que vontade mesmo quem tem que ter é quem deseja aprender. Termina lembrando da autonomia das famílias do campo: “Sei fazer casa de estuque, telhado de sapê, telhado de pindoba, jacá ou balaio, vassoura e sei plantar de tudo”.

Seu Fortunato e Dona Otilha

(Fortunato Francisco da Silva, 91 anos e Otilha Tomaza da Conceição Silva, 87 anos; Cambucaes).

Seu Fortunato nasceu em Bananeiras e Dona Otilha em Aldeia Velha. São casados há 68 anos e vivem em Cambucaes há mais de 60. Foi pelas necessidades da vida na roça que aprenderam a fazer cestos de cipó, esteiras de taboa e vassouras com a palha do broto do iri (“tem muito nas redondezas”) pra consumo próprio, não para venda. “O pobre sempre teve em falta em casa, nunca tem fartura ... Se nós não fizer, nós não temos nada”, diz Seu Fortunato. Ele aprendeu com o tio e ela não se lembra, mas aprendeu bem nova. O casal compartilha da indignação por quem depende

dos empregados pra tudo: “tem madame que sem a empregada não consegue nem fritar um ovo”, diz Dona Otilha. Por isso se viram sozinhos e se cuidam muito, sabem que estão sujeitos à qualquer coisa, afinal, não têm conhecimento com soldados ou delegados. A vida foi muito cruel com eles, trabalharam muitos anos sem ganhar um tostão: “todo dia era sofrimento, humilhação”. Não conseguiram estudar, mas valorizam muito a educação: “o que Brisola fez não tem igual”, diz Seu Fortunato. Os mais jovens já não sabem nem quantas baias dá um caroço de feijão plantado: “o povo que estuda tem que reconhecer o povo do mato”, afinal, se os agricultores não fazem, todos não tem o que comer. O “povo antigo” acabou e, com ele, a sabedoria da terra. Seu Fortunato fica esperançoso quando vê falando de reforma agrária na TV, mas não adianta só ter terra, tem que saber o que fazer com ela, por isso a vivência é muito importante. Assim, para ele o mais importante não é o dinheiro, é a vivência com o próximo: “Tira esse orgulho do seu coração. Você nasceu nu e nu tu vai”.

João Cutia

(João Martins, 81 anos, Lameirão)

João Cutia tem 81 anos mas os documentos oficiais dizem que tem 73. Ele conta rindo que foi registrado com 8 anos onde nasceu, no Espírito Santo, e seu pai não quis colocar a idade real para ele não ficar muito velho. Há 39 anos mora no Lameirão (Fazenda do Mamão), no distrito de Bananeiras. Veio de Cachoeiras de Macacu pra trabalhar na fazenda, onde vive

até hoje – mesmo com o abandono do fazendeiro, que há muitos anos desapareceu e não pagou nenhum de seus funcionários. João Cutia conhece como poucos a floresta, de onde extrai o material para fazer suas cestas, balaios, jiquis (pra pescar), tipitis e chapéus de cipó embirama. Sabe também fazer vassouras e peneiras. Muito curioso, aprendeu tudo sozinho, observando outras peças. Vende bastante na feira de Casemiro de Abreu mas recentemente anda parado, pois quebrou um dos ossos do braço e teve que imobilizar. João conhece as plantas medicinais e o nome das árvores, a mata é sua casa. Seu apelido, “dado pelo pessoal”, é cutia pois antigamente gostava de comer o bicho. Mas hoje já não caça mais, pois sabe da “catimba” que os guardas fazem e ainda alerta, com seus ensinamentos, o pessoal que gosta de comer os animais da mata: “pelo amor de Deus, de agosto a janeiro não pode! Estão tudo filhote, deixa eles se reproduzirem em paz”.

Dona Jozia e Adailton

(Jozia Assunção da Silva, 66 anos e Adailton Antônio Alves, 47 anos; Jardim Santa Maria - Correntezas).

Dona Jozia é nascida na roça de Maratuã. Foi lá que aprendeu com seu pai a fazer esteiras, vassouras e cestos de cipó. Teve que fazer muitos pra criar com dignidade os 9 filhos em Santa Maria, onde vive há cerca de 50 anos – se mudou de Maratuã pra tomar conta do lote que seu pai havia comprado quando criaram o loteamento. Todos os filhos aprenderam, mas só Adailton deu continuidade ao ofício. Adailton costumava fazer

cerca de 50 vassouras por semana, por encomenda ou para vender nas quitandas de boqueirão, mas agora está tendo mais dificuldades. Usa a palha do iri e o cabo de imbiú (“a planta cresce tipo pau de mandioca”) pra vassoura e taboa pra esteira – todos colhidos na lua minguante pra não dar broca e postos para secar por 15 dias. Os vizinhos fazendeiros passaram a máquina, queimaram as matas e transformaram tudo em pasto. Os iris foram arrancados e cipó tá difícil encontrar. Esteiras, então, dão ainda mais trabalho: não há mais taboa nas redondezas, para colhê-las tem que andar bastante. Drenaram o rio e ficou tudo seco, até o poço artesiano está secando. Dona Jozia já não entra mais nas matas, com medo das pessoas desconhecidas que passaram a frequentar aquelas terras. Eles sabem, como poucos, o sofrimento da devastação ambiental. Adailton não é muito esperançoso, mas resiste, não há outra alternativa senão continuar seu trabalho.

Dona Laurinha

(Eulália Cecilia da Rocha Leão, 77 anos, Gaviões)

Dona Laurinha domina a arte de ser professora. Não se sabe ao certo se ela aprendeu a fazer peneiras, esteiras, cofos, tipitis e guripas pra ensinar ou se ensina porque aprendeu. Muitas gerações de moradores de Gaviões e de Lençóis (hoje, Belfa) foram alfabetizadas por ela, que começou a lecionar com 37 anos e o fez até se aposentar. Ela explica que cofos e tipitis são sinônimos, ou seja, ambos são a forma específica do jacá com a boca mais estreita, com a finalidade secar e

prensar a massa de mandioca, antes de fazer a farinha. Guripas são os ninhos de galinha feitos com bambu lascados trançados pelo cipó. O cipó imbê faz quase todos os materiais, ele começa no chão e sobre pra árvore e o contrário. Mas quando for colhê-lo, não pode chamar pelo nome de jeito nenhum ou ele não desce. Já o cipó-sapo e o cipó una são rasteiros. A taboa, com a qual se faz a esteira, também são chamadas de espadanas, pelo seu formato de lâmina de espada. Ela fazias esteiras de taboa com embira de embaúba, pois não haviam colchões na Floresta, na serra de Gaviões, onde cresceu e se alfabetizou em uma escola do campo. Foi assim que aprendeu a arte de tecer - e também de ensinar. Aprendeu a ler pra ensinar a outras pessoas. A comunidade da Floresta, cujo acesso só se tinha por trilhos que se percorriam a pé ou à cavalo, era quase auto-suficiente: só compravam sal, arroz e carne seca nas vendas. Faziam roça no meio da mata, plantavam principalmente milho, farinha, banana, feijão e café e criavam pato, galinha e porco. Foi pela “arte do café” que aprendeu a fazer peneiras de taquara com cipó-sapo. As palhas de taquara dobradas que dão a base do trançado se chamam capitão, ela ensina. Ela gosta de plantar seus pés de café, secar, debulhar e torrar no seu fogão à lenha ainda hoje. Por isso não esquece como faz as peneiras. Nem como se ensina a fazê-las.

Seu Manoel Sardinha

(Manoel Sardinha, 92 anos, bananeiras)

Seu Manoel Sardinha faz peneiras coloridas de taquara de lixa e fibra de bambu desde os 8 anos de idade. Nasceu em Maratuã e se mudou ainda criança para Bananeiras, onde vive até hoje. Também sabe fazer vassouras e cestos mas trabalhava mesmo com peneira. Fazia até alguns meses atrás mas, cansado, resolveu parar, após fazer milhares delas para venda. Hoje exhibe com orgulho as que restaram em casa, sendo usada para preparar o coloral. Seu Manoel faz com gosto o coloral em suas peneiras, após colher o urucum no seu próprio quintal. Trabalhou muito a vida toda, roçando toda Bananeiras com o pai. Lembra até hoje seu salário de 8 tostões. Trabalhou também na prefeitura, como zelador do cemitério no governo de Rodrigues, Arão e Lacerda. Tem 10 filhos e nenhum aprendeu as técnicas, mas graças à Deus, todos seguiram seus caminhos e ele está realizado, com uma vida tranquila que não troca por nada.

Marião

(Maria Pereira da Conceição, 69 anos, Biquinha).

Não fosse os alardes da febre amarela, Marião estaria produzindo vassouras de broto de iri com cabo de imbiu e esteiras de taboa com auxílio de seus cambixos. “Febre amarela é silvestre, né? Não vou mais ao mato”. Desde outras epidemias, Marião conhece a prevenção da febre amarela com chá de erva-quinino, fel da terra, raiz de fedegoso e raiz de jurubeba. “Não consigo plantar em casa, meu terreno é de tabatinga ... e se eu for colher no mato, aí o bicho me pica”. Marião conhece bem as “pontas de mato” da Batalha desde

que foi morar na Biquinha, em 1972. “Fui a primeira moradora da Biquinha, aqui era só terreno baldio e uma nascente limpinha na gruta”. Seus saberes, todavia, vêm desde a infância, quando cresceu em Lagoa dos Patos, depois de nascer no Tibáo. Ela explica que essas localidades são entre o Mato Alto e o Goiabal. “A Lagoa dos Patos é uma bacia, entre o antigo Capim Limão, o Rio dos Caranguejos e a Serra da Catinga”. Foi lá que, observando o “pai de criação”, aprendeu a fazer as esteiras, que se tornou o complemento de sua renda após se aposentar do trabalho rural. Marião conhece a cidade com a palma da mão: trabalhou na colheita da laranja em todas as fazendas da região, recebendo as moedas como diarista. Sabe o nome de cada proprietário e o que as fazendas produziam. Assim, conheceu e testou cada Taboa. A melhor é a da Lagoa Azul: por ter menos terra, é mais consistente, em contraste com a palha de Juturnaíba, que é mais macia. Hoje trança com o Sisal, que dá menos trabalho que a embira de guacima de outrora. Marião levaria os jovens na floresta, pra beber um cipó-cravo (que não pode ser cortado à toa ou ela chora) e ensinar o nome e as propriedades de cada planta. Desde que leve um repelente e a aceitem como ela é.

Maria Rosa

(Maria Rosa Gomes, 56 anos, Belfa)

O segredo de Maria Rosa é trançar suas peneiras de taquara com cipó-sapo e amor. Ela também faz cestos com cipó unalinho e bambu, esteiras, albardas e embonal, mas sua

especialidade mesmo é as peneiras. Ela aprendeu quando tinha 15 anos, com seus pais em Patys, onde nasceu, mas também sozinha, observando e desmanchando outras peças. Sempre trabalhou na roça e têm produzido menos desde que passou a trabalhar de carteira assinada na Belfa. Mas o trabalho não a impede, o problema é que “ninguém usa mais”. Hoje só faz por encomenda, mas faz com o mesmo amor de antes.

Senhor Paulo Cunha

(Paulo César Cunha e Souza 79 anos, Cambucaes)

Nascido em Triunfo (Santa Maria Madalena), faz cestos e balaios de cipó e taquara, peneiras de taquaruçu e vassouras de iri e cipó. Faz porque gosta. Quando perguntado com quem aprendeu, Paulo Cunha não pensou duas vezes: “com a vida”. Filho de agricultores, sempre viveu na lavoura, grande parte dela em canaviais, nas usinas de Conceição de Macabu e na Grisa, em São Vicente (Araruama). O trabalho faz parte da sua rotina desde os 11 anos, quando se magoou quando falaram que ele “não daria pra nada, ia ser ladrão”. Nas sextas-feiras, puxava lenha para a rua com 4 burros. Aos domingos saía vendendo e, com o dinheiro, comprava leitões. Desenvolveu técnicas próprias de plantio e não usa agrotóxicos, o trabalho dá a prática e a prática dá o saber. Por isso, reconhece a necessidade de orientação mas considera-se mais sabido na prática que o acadêmicos: “o conhecimento da terra é quase

um instinto”. O trabalho sindical acompanhou sua trajetória de dignidade e honestidade: “não importa a roupa que você usa, o que importa é a palavra, a honestidade”. Na década de oitenta, “quando Lula foi a campo” e queria aprender mais sobre a vida rural, destacou dois advogados para acompanhar seu trabalho por 90 dias nos canaviais pra formular seu plano de governo. Na luta pela terra, conheceu muito bem Brasília: foram 23 dias andando a pé pela capital. Até conquistar, junto com seus companheiros do acampamento “Severina”, o assentamento de Cambucaes, lutando pelo que era dele, sem ganância. Hoje tem o suficiente e está feliz com isso. Senhor Paulo Cunha considera que a vida está chegando a um final feliz, com a consciência tranquila: sua palavra tem valor e ninguém tem um “a” pra falar dele.

Silvio

(Silvio Pereira, 69 anos, Gaviões)

Nasceu e cresceu em Patys e nunca saiu das redondezas – vive em Gaviões, mas já morou na Belfa e em Imbaú. Faz cestos, jacás, balaios, embornal, quiçambas, esteiras, peneiras e chapéis. Aprendeu sozinho, desmanchando as peças que seus pais faziam. Já vendeu milhares de peças para as vendas de Gaviões e Japuíba (Cachoeiras de Macacu) mas hoje só faz por encomenda, já não é mais como antigamente. Hoje em dia não há mais tropas de burro e ninguém mais “puxa” banana e farinha. Aliás, bananais e mandiocais como antigamente já não se vê: quando a região diminuiu sua produção, ele também diminuiu suas vendas. Ele conhece

bem as matas e uma variedade grande de cipós, que são aproveitados em diferentes trabalhos: cipó-una, cipó una-linha, cipó una-querosena, cipó una-pau e cipó-sapo, dentre outros. Mas cada dia que passa, ele acha menos a matéria-prima de seu trabalho. Ele não tem um terreno próprio e o acesso à mata é cada dia mais difícil, desde que fazendeiros sem intimidade com a população local começaram a comprar terras na região. Diz Silvio, “antes, andávamos tudo, hoje já não dá mais pra meter a cara nas fazendas”.

Vadinho

(Oswaldo Menezes, 65 anos, Lucilândia)

Vadinho faz vassouras de palha de iri e gosta de usar o cambotá como cabo, colhidos na mata da pedreira em Lucilândia, onde vive há muitos anos. Aprendeu com a mãe, na infância em Cambucaes. Como é trabalhador rural de uma fazenda próxima, faz as vassouras só aos fins de semana e só por encomenda. Poucos da família aprenderam (só seu sobrinho), mas não precisa ser da família para aprender com ele: Vadinho, como um bom cristão, ensinaria a quem quisesse aprender.

Seu Zacarias

(Zacarias Pereira da Costa, 96 anos, São Lourenço)

Seu Zacarias viveu de um tudo e tem muitos contos sobre as histórias de toda região. Nasceu em Santa Bárbara (MG) e há muitos anos vive em São Lourenço. Trabalhou quase sempre na roça, onde aprendeu a fazer cestos, quizôs (ninho de

galinha feito de cipó com bambu lascado), jacás pra carregar banana e embornal pras tropas de burro. Até hoje tem saúde pra cuidar, na companhia de sua enxada, das suas roças de mandioca e inhame, mesmo no sol da tarde e fazer farinha no engenho da família Cardoso. Para Seu Zeca, os jovens de hoje já não querem saber de trabalhar na roça, querem usar roupas novas mas de trabalho nada. Reconhece, entretanto, que está cada vez mais difícil - há cada vez menos terra pra plantar. Ele recita poesias sobre a seca de 1924, que aprendeu em seus tempos de seresteiro. Largou a vida mundana faz anos e hoje é zelador e porteiro da Assembléia de Deus de São Lourenço, onde também mora. Alíás, foi nesta igreja que ele casou faz pouco tempo, há cerca de 10 anos atrás. Um casamento que entrou pra história: 800 pessoas na igreja de São Lourenço pra ver o jovem casal de idade celebrar o matrimônio. Saiu no jornal e tudo mais. Zacarias levanta às seis da manhã, passa o café e - todo dia - leva na cama pra sua esposa, Dona Arcira. Ele conta quais são seus segredos para uma vida longa: Dica nº 1 Andar bastante a pé; Dica nº 2 Comer na hora certa; Dica nº 3 Dormir noite bem dormida (“se não tá dormindo bem a esposa, vai dormir em outro canto, o que importa é a noite de sono”); Dica nº 4 Pegar amizade com todo mundo; Dica nº 5: Livrar de porta de venda. Seu Zacarias sabe das coisas.

Zeca de Merindiba

(José Pereira Vital, 66 anos, Rial)

Produz esteiras e albardas (para o lombo do burro) com taboa e telhados de sapê desde os 7 anos de idade, quando aprendeu a técnica com sua mãe e avó. Nasceu na Serra da Catinga (Mato Alto) até se mudar, ainda criança, para Merindiba (entre a Fazenda Brasil e Cezário Alvim). Colhe a taboa e o sapê nas margens de Juturnaíba, não sem dificuldades. “De primeiro” [antigamente] era mais fácil, até que inventaram a retro [escavadeira]. Os fazendeiros passaram a retro em tudo, dragando e drenando os rios: “diminuiu a água, os peixes, as caídas”, lembra Zeca, “taboa precisa de água, só dá em pântano”. Ainda assim, em época boa chega a fazer quatro esteiras por dia, mas não é qualquer um que faz, tem que ser bom e pegar firme. As quitandas de Boqueirão são suas principais compradoras. No verão vende muito: “o pessoal gosta de esteira pra deitar na sombra”. Zeca ensina que taboa é boa pra deitar, não dá pra colocar no telhado. Esteira de taboa na chuva apodrece, já o sapê gosta: “bate o sol ele fica arrepiado, quando a chuva vem ele acalma”. Zeca de Merindiba gosta de ensinar, só tem que querer aprender.

Artesãos e Artesãos não entrevistados

Ao longo da pesquisa, outros artesãos e artesãs foram citados, mas, em virtude do tempo, não foi possível entrevistá-los. Para todos os efeitos, registramos o desejo aprofundar o desejo de concluir a pesquisa em breve e

enriquecer nossa história a partir dos relatos dessa gente brilhante que tece nossa cultura. Caso

Alcides (Aldeia Velha, Balaio)

Amilcar (Cambucaes, Esteiras)

Amilton Figueiredo (Estreito de Imbaú, cestos e ninhos)

Atalício (Mato Alto, vassouras)

Augusto (Areal, Cestos)

Célio (Gleba Aldeia Velha, cestos e esteiras)

Ene (Cambucaes, Esteiras e Cestos)

Eurene (Gaviões, peneiras)

Jonílson (Bananeiras, Peneiras).

Mário da Dona Carli (Gleba Aldeia Velha, cestos e esteiras)

Nedir (Aldeia Velha, vassouras)

Esta pesquisa está aberta a sugestões e propostas de inclusão e alteração de textos e novos relatos. Caso tenha informações envie para o email feiravivasilvajardim@gmail.com ou para nossa página [facebook.com/FeiraVivaSJ](https://www.facebook.com/FeiraVivaSJ) .

Agradecimentos

A Feira Viva é muito grata pela recepção, abertura e confiança com as quais fomos recebidos em diversas casas por pessoas entrevistadas e familiares.

Também agradecemos à Célia Lamy, Raulzinho e Elvira de Gaviões, Anselmo Nazário e demais pessoas pelo apoio imprescindível para a realização da pesquisa.